

ELISABETH DOBRZENSKY VON DOBRZENICZ, "IMPERATRIZ DO BRASIL"

Por Victor VILLON

O SEGREDO DO VITRAL

Petrópolis é uma aprazível cidade, de clima ameno, localizada nas serras próximas à cidade do Rio de Janeiro. Ali, o Imperador, Dom Pedro II (1825-1891), repousava do calor abrasador dos verões da, então, capital do Império do Brasil. Atualmente, Petrópolis ainda preserva bravamente o seu plácido encanto, tão propício para a serenidade da alma, ainda que os tempos modernos tenham ofuscado as suas glórias passadas. Muitos turistas, todos os dias, adentram a Catedral de São Pedro d'Alcântara, onde um pequeno e sóbrio panteão guarda os restos mortais de Dom Pedro II e dos principais membros da família imperial. Entretanto, há um pequeno detalhe, em um dos belos vitrais, que adornam a igreja, que passa despercebido para quase todos os visitantes, sejam esses turistas ou moradores da cidade.

Na parte inferior, de um dos vitrais, vemos dois brasões juntos, lado a lado, e encimados pela coroa Imperial. Trata-se do brasão da família imperial do Brasil e, o outro, dos Condes Dobrzensky von Dobrzenicz. O detalhe poderia ser de pouca importância, mas por trás dele há uma história de amor, uma questão dinástica e o reflexo das vicissitudes da história. Os dois brasões simbolizam o enlace matrimonial de Dom Pedro d'Alcântara, Príncipe do Grão Pará, e da Condessa Elisabeth Dobrzensky von Dobrzenicz.

O PRÍNCIPE DO GRÃO-PARÁ E SEUS EXÍLIOS

O Príncipe do Grão Pará nascera em 15 de outubro 1875, em Petrópolis, era filho da Princesa Imperial do Brasil, herdeira do trono dessa monarquia tropical, que entraria para a história, mais precisamente, como a Princesa Isabel (1846-1921). Nenhum dos filhos varões do Imperador Dom Pedro II vingara: Dom Afonso, nascido em 1845, morrera com a idade de dois anos, Dom Pedro, nascido 1848, morrera com a idade de um ano. Como continuadores dos Bragança do Brasil só restavam duas meninas: Isabel e Leopoldina (1847-1871). Talvez, a casa de Bragança não tenha sido muito feliz com suas herdeiras do sexo feminino. Ao contrário da Inglaterra, que sempre teve grandes soberanas. Primeiramente, temos Dona Maria I (1734-1816), Rainha de Portugal, mulher extremamente religiosa, que acabou por enlouquecer, vendo o demônio por toda parte, e ficou conhecida, no Brasil, como Dona Maria "a Louca". A princesa Isabel, trineta da soberana portuguesa, era tão apegada a religião quanto sua antepassada, porém não enlouqueceu, mas também não foi imperatriz, tampouco rainha.

Mas antes de continuarmos nossa explanação, vem à baila o significado do título de "Príncipe do Grão Pará". Segundo a constituição de 1824, que vigorou durante todo o império, o herdeiro do imperador portaria o título de "Príncipe Imperial". Por sua vez, o filho primogênito do Príncipe Imperial receberia o título de "Príncipe do Grão-Pará". Grão-Pará era a maior das províncias do Brasil. Essa província ocupava o que seria, em nossos dias, os estados do Pará, Amazonas, Amapá e Roraima. Como homenagem a essa distante província, denominou-se tal título principesco de "Grão-Pará". É provável que a escolha tenha sido influenciada pelo anseio da elite política de então. O Brasil

acabara de obter sua independência e era preciso, a todo custo, fabricar uma identidade nacional. A relação com a natureza grandiosa e, até mesmo, paradisíaca foi um dos elementos preferidos por essa geração de "fundadores do império", em sua empreitada de criação de símbolos identitários. Ora, era, justamente, nas vastidões da Província do Grão-Pará que corriam as caudalosas águas do Rio Amazonas e onde, também, triunfava as imensidões verdes da floresta amazônica.

A princesa Isabel viria a se casar, em 15 de outubro de 1864 com o príncipe francês Gaston d'Orléans, Conde d'Eu (1842-1922), neto de Louis-Philippe (1773-1850), Rei dos Franceses. Isabel e Gaston custaram para ter filhos, o que nesse caso, era muito mais do que uma questão familiar, mas, sobretudo, uma questão de Estado, pois daí dependia a sucessão imperial. A aparente infertilidade da princesa herdeira preocupava a todos. Foi somente no ano de 1874, que Isabel daria à luz a uma menina, porém, que já nascera morta. Mas no ano seguinte, viria ao mundo Dom Pedro d'Alcântara. A gravidez foi cheia de cuidados, o parto muito difícil e, no meio da aflição de todos, o Dr. Depaul, médico francês que viera especialmente para a ocasião, distorceu o braço da criança. Esse acidente deixaria seqüelas; Dom Pedro d'Alcântara ficaria com braço atrofiado para o resto da vida. Ao todo teriam três filhos que atingiriam a idade adulta.

Sobre a infância de Dom Pedro d'Alcântara o historiador americano Roderick Barman faz uma análise arguta e muito interessante. Vale a pena citá-la, pois a própria maneira como era visto por seus pais, pode ter influenciado, posteriormente, nas condições impostas para que seu casamento, com a Condessa Elisabeth Dobrzensky, pudesse acontecer. Um pouco mais para frente nos deteremos nessa questão, por enquanto fazemos atenção à criação do Príncipe do Grão-Pará:

À época em que a família fixou residência nos arredores de Versalhes, seu filho mais velho, Pedro completou quinze anos. Luís era dois anos mais novo, e Antônio ou "Totó", como o apelidaram, estava com nove. Os três meninos eram muito diferentes no caráter. Pedro era gentil e simpático mas não gostava de estudar e, geralmente, se mostrava desajeitado. Luís tinha força de vontade, era muito ativo e perspicaz. Em março de 1890, seu pai comentou: "O Bebê Pedro sempre se destaca pela indolência e a inépcia", ao passo que "Luís faz exatamente o mesmo trabalho escolar sozinho, com um prestígio e uma capacidade admiráveis". É provável que a facilidade com que Luís superava o irmão mais velho e a atitude crítica de seus pais tenham tornado Pedro menos disposto a competir, inibido que era em virtude do defeito no braço e na mão esquerdo.

Em 15 de novembro de 1889 é proclamada a república no Brasil, toda a família imperial é obrigada a se exilar, primeiro e, por pouco tempo, Portugal. Por fim e definitivamente, a França.

Como bem sabemos, a antiga educação de um príncipe passava pela formação militar. A Dom Pedro d'Alcântara, ao atingir a idade de servir o exército, não aconteceu de forma diferente. Entretanto, apresentava-se uma dificuldade, para que o príncipe brasileiro pudesse integrar uma academia militar. A lei do banimento impedia a família imperial de pisar em terras brasileiras, quanto mais servir o exército desse país. No que dizia respeito à França, a república vetava a entrada dos descendentes dos monarcas franceses na carreira militar, receosa que pudessem conjurar contra o regime estabelecido. Não

podemos nos esquecer que Dom Pedro d'Alcântara era um verdadeiro Orléans por linhagem varonil, bisneto de Louis-Philippe, o último capetíngio a cingir a coroa francesa. Mas na Europa ainda havia um grande império, com um velho monarca, católico e guardião das mais castiças tradições da realeza. O império era o Austro-Húngaro e o imperador, obviamente, era Franz-Joseph I (1830-1916). Além disso, o imperador austríaco era um parente próximo. Dom Pedro II - o avô do jovem príncipe brasileiro - era filho de Dona Leopoldina (1797-1826), a culta e inteligente arquiduquesa da Áustria, que fora enviada para o distante Brasil. Por conseguinte, o falecido monarca brasileiro era primo-irmão do Imperador da Áustria. Como se era de esperar, Dom Pedro d'Alcântara pôde cursar a academia militar de Wiener Neustadt.

Com toda certeza, o Império Austro-Húngaro, nos alvares do século passado, não poderia deixar ninguém indiferente. Esse era um caldeirão de povos e de efervescência cultural, curiosa mescla de espírito de vanguarda com um profundo conservadorismo. É suficiente mencionar que, ao mesmo tempo, em que surgia Sigmund Freud (1856-1939), Gustav Mahler (1860-1911), Gustav Klimt (1862-1918), Franz Kafka (1883-1924), o Imperador Francisco-José ainda demonstrava ímpetos de monarca absolutista. Ímpetos não só no âmbito da política, mas extensivos a sua própria família: proibira o casamento de Leopold-Ferdinand (1868-1935) com a Infanta carlista Dona Elvira (1871-1929), expulsara da corte seu irmão mais novo, Ludwig-Viktor (1842-1919), e impusera um casamento morganático ao seu sobrinho e herdeiro, Franz-Ferdinand (1863-1914), ainda que a noiva, Sophie Chotek von Chotkowa und Wognin (1868-1914), pertencesse a uma nobre família da Boêmia, que remontava ao século XIV. Mesmo que Dom Pedro d'Alcântara não tenha sido influenciado diretamente por esse variado e fervilhante quadro cultural e social do Império Austro-Húngaro - hipótese que, particularmente, acho um tanto difícil - é inegável que sua estada nessa monarquia dual modificaria não só sua vida particular, mas, também, a própria história da dinastia brasileira exilada. Como muito mais tarde recordaria seu filho e herdeiro, Dom Pedro Gastão (1913-2007), a propósito desse período da vida de seu pai: "Passando de guarnição em guarnição através do imenso Império austro-húngaro, conheceu gente, costumes e línguas diferentes. Fez aprendizado magnífico no Império mais importante da época."²

Na Academia Militar, Dom Pedro d'Alcântara ficara amigo de quatro irmãos, filhos de Johann-Wenzel Barão Dobrzensky von Dobrzenicz (1841-1919). Quando tinha licença das suas obrigações militares, não podendo ir para casa, visto que a França estava muito distante do Império Austro-Húngaro, aceitava o convite desses irmãos e passava alguns dias no castelo da família Dobrzensky, na região da Boêmia, uma bela propriedade, localizada em Chotebor, a aproximadamente 300 km da cidade, onde se situava a academia militar de Wiener Neustadt. Foram nessas visitas a Chotebor que Dom Pedro d'Alcântara apaixonara-se pela filha do Barão Dobrzensky von Dobrzenicz. Tatava-se de Maria Elisabeth Adelheid, nascida no mesmo castelo em 7 de dezembro de 1875. Em abril de 2003, a Condessa de Paris, filha da Condessa Elisabeth Dobrzensky, concedeu-me, por carta, uma entrevista e assim descreveu a formação de sua mãe:

A Princesa Elisabeth falava e escrevia em cinco línguas: tcheco, inglês, alemão, francês e português. Além disso, ela era muito boa pintora de retratos. Ela fizera seus estudos em Chotebor, com diversos professores que residiam no castelo. Às vezes ela se beneficiava, também, com professores de seus irmãos, o

que não é nada mal. Mais tarde entrou na Academia de Pintura e de Música em Munique.^{3 4}

Com toda certeza, o encontro de Dom Pedro d'Alcântara com a jovem e bela Elisabeth Dobrzensky, despertou, reciprocamente, um amor intenso e forte. O noivado demoraria oito longos anos, pois os Condes d'Eu colocaram todos os empecilhos para que o casamento se realizasse. O motivo era a diferença de nascimento entre os noivos. Nos dias de hoje, em que príncipes herdeiros desposam livremente legítimas plebéias, o impedimento apresentado pelos Condes d'Eu afigura-se estranho e sem fundamentos. Ainda mais quando sabemos que os Dobrzensky não eram, de forma alguma, plebeus. Para espanto de todos, o Conde d'Eu tinha antepassados em comum com a sua futura nora, através do sangue dos Kohary que herdara de sua avó materna. Esses ancestrais em comum eram: Christof-Leopod Conde von Thürheim (1629-1689), Franz Conde von Trautsmadorff (1677-1753), Maria Condessa von Kaunitz (1682-1735).⁵ Dom Pedro Gastão resumiu, dessa forma, a problemática do casamento de seus pais: Com trinta e um anos casou. Não com muita satisfação do Conde d'Eu. Meu avô achava que príncipe só podia casar com alteza real e não gostou que papai se casasse por amor com uma condessa do Império Austro-Húngaro.⁶

DA DISTANTE BOÊMIA AO "IMPÉRIO" DO BRASIL: EIS É A QUESTÃO...

A primeira menção aos Dobrzensky data do ano de 1339, na pessoa de Zdenko e Bohunko Von Dobrzenic senhores do vilarejo de Dobrenice, na região leste da Boêmia, que, atualmente, situa-se no distrito de Hradec Králové. Não só o patronímico dos Dobrzensky está intimamente ligado ao vilarejo de Dobrenice - topônimo que dá origem ao sobrenome - mas também o próprio brasão dessa localidade. Até hoje a cegonha

figura tanto no brasão de Dobrenice, quanto naquele dos condes Dobrzensky von Dobrzenicz. Diz a lenda que um jovem membro da família Dobrzensky fora preso pelos turcos e vendido como escravo. Certo dia, vira uma revoada de cegonhas. Imediatamente, lembrou-se que, na propriedade de sua família, havia um desses pássaros, que chamavam de Sotku. Esta cegonha era muito mansa e, quando alguém o chamava, obedecia e vinha ao encontro da pessoa. Em um impulso, sem muita explicação, o Dobrzenky resolveu gritar pelo nome de Sotku. Para sua surpresa, uma das cegonhas veio em sua direção. Depois de tanto tempo de cativo, a presença daquele pássaro, tão familiar, despertou grande júbilo. O jovem Dobrzensky teve uma grande idéia, era a oportunidade de recuperar a tão desejada liberdade, retirou de uma árvore um pedaço de casca, gravou o seu nome e a localização de onde estava. Depois amarrou, no pescoço da ave, esse pedido de socorro. A família acreditava que o jovem Dobrzensky já estivesse morto, quando seu pai viu o que Sotku trazia, preso ao pescoço, ordenou que os criados levassem, rapidamente, o dinheiro para alforriar seu filho do jugo da escravidão. Desde então, como agradecimento ao pássaro redentor, os Dobrzensky trazem sobre o seu brasão, para todo o sempre, a fiel cegonha.

Os Dobrzensky foram reconhecidos na categoria de antigos senhores da Boêmia (Böhmischer alter Herrenstand) por documento datado de 18 de junho de 1696. Em 21 de fevereiro de 1744 é concedido o título de "barão" aos irmãos Wenzel Peter, Franz Karl e Johann Joseph Dobrzensky von Dobrzenicz. Johann Joseph Dobrzensky, trisavô da Condessa Elisabeth, assumiria a chefia dessa Casa baronial após a morte de seu irmão Wenzel Peter em 1783. Em 1906 o pai de Elisabeth Dobrzensky ascenderia ao

título de "conde" e em 1912 tornar-se-ia Membro Hereditário da Câmara dos Senhores d'Áustria. Entretanto, anteriormente, Anna Elisabeth Baronesa Dobrzensky von Dobrzenicz, de um ramo colateral da família, fora agraciada com o título de "condessa", em 1879, quando do noivado com o Príncipe Friedrich Wilhelm zu Ysenburg und Büdingen.

A trágica solução, encontrada pelos Condes d'Eu, para o suposto dilema do casamento, foi obrigar que o filho primogênito, detentor dos direitos inalienáveis à sucessão da Casa Imperial do Brasil, renunciasse. Passando por cima de toda legitimidade constitucional e jurídica. Dom Luis, o segundo filho dos Condes d'Eu, como já vimos algumas linhas a cima, desde da mais tenra infância fora considerado como uma criança viva e inteligente em comparação com o irmão mais velho. Dom Luis havia encontrado uma noiva que correspondia perfeitamente às exigências dos pais, tratava-se de Dona Maria Pia Princesa das Duas-Sicílias. Sobre o caráter desse príncipe Barman afirma:

[...] Luís, o irmão mais moço de Pedro, era um ativista; ambicioso e voluntarioso, encarava o mundo como algo a ser conquistado. Praticante de alpinismo, escalou o Mont Blanc em 1896. A uma visita ao sul da África, seguiu-se uma longa ousada excursão à Ásia Central e à Índia. Sobre essas três experiências ele escreveu e publicou. Era no segundo filho, não em Pedro, que D. Isabel e o Conde d'Eu viam a pessoa capaz de manter a causa da monarquia no Brasil.⁷

O destino de cada um dos filhos já estava decidido pelos Condes d'EU, o que pode ser percebido pela própria sucessão de datas: Em 4 de novembro de 1908 Dom Luis se casa com a princesa das Duas-Sicílias, em 30 de outubro Dom Pedro d'Alcântara escreve uma carta "renúncia" sem nenhum valor legal, sem qualquer respaldo na tradição da Casa de Bragança, por mero e fatídico capricho da Princesa Isabel. Finalmente, depois de anos de espera, no dia 14 de novembro de 1908, em Versalhes, Dom Pedro d'Alcântara casa-se com a Condessa Elisabeth Dobrzensky Von Dobrzenicz.

A Princesa Isabel assim explicaria a causa da suposta "renúncia" de seu filho mais velho a Teresa da Baviera:

*Quero também dar-te a notícia do casamento do nosso filho Pedro. Há mais de cinco anos que ele desejava este consórcio com a Condessa Elisabeth Dobrzensky, de excelente família nobre e antiga. Como porém não era de **família régia**, demoramos nosso consentimento até que o Luís se casasse, e agora entendemos dever anuir.⁸ [Os grifos são nossos]*

A "renúncia" foi polêmica. A família imperial não constituía um governo no exílio, ao qual reconhecesse oficialmente. O que havia era um Diretório Monárquico escolhido, sem preencher as necessárias formalidades, como o interlocutor preferido no Brasil para tratar questões políticas e uma possível restauração. Faziam parte desse grupo figuras eminente do império recém derrubado: o Visconde de Ouro Preto (1837-1912), Lafayette Rodrigues Pereira (1834-1917), João Alfredo Corrêa de Oliveira (1835-1919), Domingos de Andrade Figueira (1833-1910). Quando a notícia da "renúncia" chegou ao Brasil o Conselheiro Andrade Figueira não quis aceitá-la. A Princesa Isabel, nem sequer, solicitara previamente o aconselhamento dos membros do Diretório

Monárquico. O Conselheiro Corrêa de Oliveira ainda que acatando, sempre com subserviência, as decisões e os fatos deixa transparecer sua sincera opinião:

Se em vez do fato eu tivesse de considerar o projeto, pediria vênia à V.M.I. para insistir no meu parecer de se reservar qualquer intento de renúncia para o tempo da restauração, ou na sua iminência tão segura que não falhasse, ponderando-se então tudo quanto pudesse influir em ato de tanta gravidade. E continua: Francamente nunca percebi que uma mudança na ordem de sucessão facilitasse o restabelecimento da monarquia, nem que a tal respeito houvesse aqui votos consideráveis e trabalho útil [...].⁹

Diz-se que Dom Pedro d'Alcântara nunca voltara atrás com a sua "renúncia", tal afirmativa é só em parte verdadeira, pois em entrevista de 1937 mostrava ter plena consciência da invalidade desse documento:

Quando há muitos anos renunciei ao trono imperial - Disse A. A. - em favor de meu irmão o Príncipe D. Luiz, o fiz apenas em caráter pessoal sem atender as determinações das Leis Brasileiras, sem prévia consulta à nação, sem os necessários protocolos que precedem atos dessa natureza, não foi, além disso, uma renúncia hereditária. Mas tarde conversando na Europa e durante minhas visitas ao Brasil, com alguns monarquistas, verifiquei que minha renúncia não é válida por muitos motivos, além dos que acabo de citar. O Conselheiro João Alfredo, que detinha em se poder uma cópia autêntica da renúncia, também me afirmou idêntico parecer.¹⁰

Em 3 de setembro de 1920, o Presidente do Brasil Epitácio Pessoa termina com a lei do Banimento que impedia a família Imperial de entrar no Brasil. Em 1922 a Condessa Elisabeth Dobrzensky vem, pela primeira vez, ao Brasil. A Condessa de Paris conta que sua mãe, ainda no navio, ao ver, de longe, a cidade de Salvador teve uma grande surpresa, pois sempre sonhara, desde sua infância nos confins da Boêmia, com aquela misteriosa paisagem que, agora, se fazia revelar. Depois disso, como se o destino, já estivesse cumprido, Elisabeth Dobrzensky nunca mais sonharia com tal paisagem.

Dom Pedro d'Alcântara morreu em Petrópolis, no Palácio do Grão-Pará, em 29 de janeiro de 1940. O menino que nascera como herdeiro do imperador do Brasil, expirava quando o antigo palácio de veraneio dos avós já havia se tornado o Museu Imperial e o Brasil estava em plena ditadura de Getúlio Vargas.

Elisabeth Dobrzensky von Dobrzenicz veio a falecer em Portugal, em Cintra, no dia 11 de junho de 1951. Sobre a personalidade e os últimos dias de sua mãe, a Condessa de Paris nos deixou a seguinte descrição:

[...] era viva, espontânea, às vezes impertinente, sempre corajosa na adversidade e na dor. Sofrendo de um câncer, ela passou os seis últimos meses de sua vida sofrendo terrivelmente, mas nunca demonstrava nada. Simplesmente, de tempos em tempos, víamos que ela encolhia-se na cadeira, porém, nunca disse nada. Ela foi para cama somente oito dias antes de morrer [...] No fundo ela estava muito feliz de partir e reencontrar meu pai no paraíso. Era sua idéia fixa [...], pois fora um casal muito unido. A partir da morte de papai, ela compartilhava da nossa vida com alegria e gentileza, mas esse câncer

*fora doloroso. Tenho a impressão que para ela a vida sem papai não tinha mais interesse. Sua doença foi quase uma libertação.*¹¹

UMA SIMPLES CARTA E SUA ÉPOCA

Nos arquivos do Palácio do Grão-Pará, em Petrópolis, encontramos diversas cartas em francês, escritas, pela Condessa Elisabeth Dobrzensky Von Dobrzenicz. Estas são direcionadas à Princesa Isabel, sua sogra a quem dirige como mamãe, tratamento esse, seguramente, inserido dentro da etiqueta da família. A correspondência tem início pouco tempo depois do casamento, sendo uma das primeiras cartas datadas de 3 de fevereiro de 1909. A letra de Elisabeth era não muito firme e com contornos elaborados, porém, despojada da rigidez simétrica da caligrafia da época. Diríamos que era uma letra até um tanto desordenada, ao contrário daquela da Condessa Kottulinsky, sua mãe, uma letra firme e de traços retos. As cartas dissertam sobre temas extremamente cotidianos e parecem ter sempre um pano de fundo tranqüilo, como o de qualquer família da elite dos inícios do século XIX. Acredito que essa parte da correspondência ativa da Condessa Elisabeth Dobrzensky aproxima-se mais do silêncio das convenções da época e do seu meio social, do que das tácitas tensões do interior de qualquer família, especialmente, quando pensamos no contexto, no qual a nobre da Boêmia adentrara no seio e nos patamares da família imperial do Brasil. O ambiente que vai, pouco a pouco, ali surgindo é uma mescla simultânea de burguesia e nobreza. Burguesia pela placidez de um cotidiano repleto de atividades agradavelmente triviais. Eis alguns pequenos exemplos, retirados de cartas diversas:

Minha tão cara mamãe e papai, obrigada mil vezes pelo gentil ovo de páscoa que me deu tanto prazer. ¹²; *"Mas o que era mais bonito era o nascer do sol e toda a natureza nessas horas matinais. Depois dormi até meio dia. Após o almoço, todos os dias, tinha intenção de pintar, havia temas admiráveis. Em vês disso, fizeram-me jogar bridge até de noite."*¹³; *"Se vê que mamãe não para com as vendas de caridade. Espero que isso não seja muito cansativo"*¹⁴; *"Eu estou pintando a filhinha de Louise. Eu queria pintar paisagens, mas estou muito preguiçosa aqui."*¹⁵; *"Nós continuamos nossos trabalhos de bordado e as galinhas de mamãe colocaram 8 ovos hoje, ontem seis. Mas elas estão muito desordenadas e os põem um pouco em todo lugar."*¹⁶.

Mas, por outro lado, as marcas de pertencimento à nobreza são nítidas, nas relações sociais e nas constantes caçadas, atividade, por excelência, da aristocracia. Reflexos de um mundo onde as marcas simbólicas, entre a nobreza e a burguesia, interpenetravam-se no *modus vivendi* de ambos os grupos. Porém, a consciência e os limites de cada ordem continuavam bem atuantes. A nítida e quase absoluta hierarquia do antigo regime há muito se desfizera, mas seus ecos eram perfeitamente audíveis. Vejamos:

*Nós estamos ainda em Krasne, nossa partida daqui foi atrasada, porque a Princesa de Radziwill, que nós temos a intenção de ir ver na Lituânia, pediu-nos que atrasássemos um pouco nossa visita, não estando ela ainda pronta para nos receber.*¹⁷; [...] *nós passamos uma estada encantadora em Copenhagen, desde o primeiro dia Aage, o filho primogênito do príncipe Waldemar incubiu-se de nos divertir.*¹⁸ *Depois nós tínhamos tomado chá, na casa do Conde Thursa adido da embaixada da Áustria que nós conhecemos, assim como sua mulher*¹⁹.

Uma das cartas, que mostra perfeitamente esse espírito de nobreza, deve ser mencionada integralmente:

Minha cara mamãe:

Eu agradeço mil vezes pelo cartão e pela carta aqui encontradas. Pedro escreveu ontem para papai o que nós fizemos desde Copenhagen, onde eu havia enviado uma carta à mamãe no dia de nossa partida. Pensamos em ficar ainda alguns dias por aqui, pois fomos convidados por várias pessoas das redondezas para caçadas e jantares. Todo mundo é muito gentil e amável. Aqui ontem à noite aconteceu um grande jantar, ao qual vieram o Conde e a Condessa Westphalen, que são austríacos, nós o conhecemos da Áustria e moram perto daqui. Iremos domingo ao castelo deles para ouvir missa e almoçar. Estavam também o Conde Platen com sua família, o Conde Haka²⁰, o Conde Hardenberg, todos vizinhos daqui. Por fim o prefeito, que aqui chamam de Landreth, com sua mulher. A região é muito bonita - fazemos passeios encantadores no lago de Selent e a beira mar. O tempo está bom e quente, as árvores estão ainda bem verdes. Nós iremos ainda hoje tentar atirar em alguns gamos. Espero que vocês partam bem, minha cara mamãe, assim como papai e que em Eu esteja fazendo tão bom tempo quanto aqui.

Pedro e eu beijamos suas mãos as mãos dos caros pais, abraçando ternamente minha cara mamãe, sua filha agradecida

Elsi

O DESCANSO NO PANTEÃO IMPERIAL

Indiretamente Elisabeth Dobrzensky Von Dobrzenicz iria marcar para sempre a história da Família Imperial Brasileira. Reivindicando uma falsa legalidade da carta renúncia de Dom Pedro dAlcântara, os descendentes de seu irmão, Dom Luis, reivindicam os direitos sobre a herança dos Imperadores do Brasil, o que desencadeou uma questão dinástica e, por tal motivo, a divisão dos Orléans e Bragança em dois ramos. Os descendentes de Dom Pedro dAlcântara ficaram conhecidos pelo nome de Ramo de Petrópolis e os de Dom Luis como Ramo de Vassouras. Este último ramo, apoiado por um movimento político ultra-reacionário conquistou a antipatia de grande parte da opinião pública no plebiscito de 1993 e, atualmente, continua, teimosamente, aferrado a ideais de uma monarquia de direito divino. Os fundamentos reivindicatórios do Ramo de Vassouras são ainda mais falaciosos e contraditórios, quando sabemos que a sua sucessão repousa em uma méssaliance com uma princesa de Ligne. Como é público e notório essa família originária da região belga do Hainaut nunca foi considerada régia. É mais do que suficiente lembrar que, no Almanaque de Gotha, os Ligne figuravam na terceira parte e não na primeira, destinada as casas soberanas e sequer na segunda, consagrada às casas mediatizadas.

Por mais que pertença a alta nobreza, de forma alguma pode ser considerada **família régia**, condição que era imposta pela Princesa Isabel para os casamentos dos herdeiros da Casa Imperial do Brasil, conforme trecho, de carta de sua autoria, citado acima.

Em contrapartida, Dom Pedro Gastão, em seu Palácio do Grão-Pará em Petrópolis, conseguiu reinar, durante a segunda metade do século XX e, em plena república, simbolizou, como ninguém, a síntese entre modernidade, democracia e monarquia. O grande historiador espanhol de famílias reais Juan Balansó bem sintetizou:

*[...] estou convencido de que Dom Pedro [Gastão] poderia ser um grande imperador constitucional, como foram Pedro I e Pedro II [...].*²¹

Talvez a prova mais contundente da legitimidade dinástica da descendência de da Condessa Elisabeth Dobrzensky, seja o local de destaque ocupado por aqueles que levam seu sangue nas veias: Dom Pedro Gastão, seu filho, foi casado com a tia do Rei de Espanha; o atual Conde de Paris, Dom Duarte Nuno de Portugal e a Duquesa Consorte de Wurtemberg são seus netos e Alexandre, príncipe herdeiro da Iugoslávia, é seu bisneto. No panteão da Catedral de Petrópolis, ao lado de Imperador Dom Pedro II, da Imperatriz Dona Tereza Cristina, da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, somente mais duas pessoas tiveram a honra de aí repousar: Dom Pedro d'Alcântara e Elisabeth Condessa Dobrzensky. Diante desta evidência - ainda que a república tenha impedido a continuidade da monarquia no Brasil podemos dizer que, por direito (de jure) Elisabeth Dobrzensky von Dobrzenicz foi Imperatriz do Brasil.

Referências:

1 Assim dizia o capítulo III, artigo 105, da Constituição do Império do Brasil: O Herdeiro presumptivo do Imperio terá o Título de "Príncipe Imperial" e o seu Primogenito o de 'Príncipe do Grão Pará' todos os mais terão o de "Príncipes". O tratamento do Herdeiro presumptivo será o de "Alteza Imperial" e o mesmo será o do Príncipe do Grão Pará: os outros Príncipes terão o Tratamento de Alteza.

2 ORLEANS E BRAGANÇA: Centenário do príncipe do Grão-Pará in Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa nacional, 1978. Volume 316, julho-setembro de 1977. (p. 369)

3 Condessa de Paris, Isabel de Orléans e Bragança: Entrevista. Texto em francês não impresso, arquivo particular Victor Villon.

4 A Condessa de Bcelona, mãe do Rei Juan Carlos de Espanha, também, reconhecia os talentos artísticos da Condessa Dobrzensky: "Em Paris tínhamos muitos familiares. Com quem mais nos dávamos era com o Tio Pedro de Orléans e Bragança, que era filho de um Orléans, o Conde d'EU e de Isabel de Bragança, que fora herdeira do trono do Brasil. Estava casado com uma senhora checa, a Condessa Elisabeth Dobrzensky, a tia Elsi, que era uma artista. Tocava muito bem piano e pintava estupendamente. Viviam em uma magnífica casa no Bois de Boulogne e tinham cinco filhos [...]". González de Vega, Javier : Yo, María de Borbón. El País Aguilar (p. 47)

5 MONJOUVENT: Philippe de: Le Comte de Paris Duc de France et ses ancêtres. Charenton : Éditions du Chaney, 2000.

6 ORLEANS E BRAGANÇA: Centenário do príncipe do Grão-Pará in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa nacional, 1978. Volume 316, julho-setembro de 1977. (p. 369)

7 BARMAN, Roderick J. : Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX. São Paulo: editora da Unesp. 2002 p. 300

8 LACOMBE, Lourenço Luiz: Isabel a Princesa Redentora. [s.d.] (p.275 e 276)

9 CORRÊA DE OLIVEIRA, João Alfredo: *Cartas do Conselheiro João Alfredo à Princesa Isabel in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Transcrição e notas de Pedro Moniz de Aragão. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. Volume 230, julho-setembro, 1963. (p. 374)*

10 *Disputa de Príncipes :Diário da Noite 27 de Janeiro de 1936, ano VIII nº 2529. Secessão de periódicos da Biblioteca Nacional. Microfilme: PR-SPR 397 Diário da Noite - 2 de Janeiro / 29 de Fevereiro.*

11 *Condessa de Paris, Isabel de Orléans e Bragança: Entrevista. Texto em francês não impresso, arquivo particular Victor Villon.*

12 *Eu, 09/03/1909*

13 *Graz, 18/09/1909*

14 *Chotebor, 25/09/1909*

15 *Krasne, 03/10/1909*

16 *Eu, 16/02/1911*

17 *Krasne,03/10/1909*

18 *KjØbenhavn (Copenhagen), 17/10/1910*

19 *Idem*

20 *A grafia não está perfeitamente legível*

21 *BALANSÓ, Juan: La família Real y La família irreal. Barcelona: Editorial Planeta, 1992. p.192*

Victor VILLON é graduado e mestrando em História pela PUC-Rio.

Astrid BODSTEIN, historiadora e genealogista dinasta, realizou gentilmente a pesquisa iconográfica.

Título original em português: **Elisabeth Dobzensky Von Dobrzenicz, "Imperatriz do Brasil"**. Tradução para o inglês de Colin FOULKES.